

protestantismos, todos os credos orientaes, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguezmente no Paganismo Superior? Não queiramos que fóra de nós fique um unico deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portuguezes. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma cousa! Creemos assim o Paganismo Superior, o Polytheismo Supremo! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade.

Alves Martins.

Vida Intelectual Estrangeira

Dostoïevsky

O livro do sr. André Gide sobre Dostoïevsky (1), abundante em ideias curiosas, finas, e mesmo por vezes um tanto paradoxais, se bem que o sr. André Gide proclame o seu horror ao paradoxo, fornece um excelente pretexto para algumas reflexões acerca do grande romanista russo, hoje considerado o mais illustre escritor do seu paiz. E principiarei por transcrever uma anedocta, talvez demasiado extensa para as proporções deste artigo, mas que tem a vantagem de nos introduzir imediatamente no amago do assunto.

«Ha na vida de Dostoïevsky — conta o sr. André Gide,

(1) *André Gide — Dostoïevsky* (Plon).

(2) Recentemente traduzido para francês com o titulo : *La Confession de Stravzoguine* (Plon).

a quem o caso foi referido por um russo, que manteve estreitas relações com o autor dos *Irmãos Karamazoff* — alguns factos extremamente obscuros. Um em particular, a que já se faz alusão no *Crime e Castigo*, e que parece ter servido de tema a certo capítulo dos *Possessos* que não figura no livro, que mesmo em russo ficou inedito, e que até hoje, creio eu, apenas foi publicado na Alema-pha, em edição fora do mercado (2). Trata-se da violação duma pequenita: a creança manchada enforca-se, enquanto o culpado, Stavroguine, ao corrente do que se passa, espera numa sala contigua que ela tenha cessado de viver. Qual seja nesta historia sinistra a parte da realidade, eis o que presentemente não me importa averiguar, o facto é que depois duma aventura deste genero, Dostoïevsky experimentou o que é forçoso chamar remorsos. Os remorsos atormentaram-no por algum tempo e, sem duvida, Dostoïevsky disse consigo o que Souia (1) dizia a Ras-kslmikof. Sentiu a necessidade de confessar-se, mas não apenas a um padre: procurou a pessoa a quem com mais relutancia devia fazer essa confissão; era, incontestavelmente, Tourguenieff. Não o via ha muito e estava com ele em pessimas relações. O sr. Tourguenieff era respeitavel, rico, celebre e considerado por todos. Dostoïevsky armou-se de quanta coragem tinha, ou cedeu talvez a uma especie de vertigem, a uma misteriosa e terrível atracção. Imaginemos o confortavel escritorio de Tourguenieff e este sentado á sua mesa de trabalho. — Tocam. — Um creado anuncia Theodor Dostoïevsky. — Que quererá? — Mandam-no entrar e, immediatamente, ei-lo que principia a contar a sua historia. — Tourguenieff ouve, estupefacto. Que diabo tem ele com aquilo tudo? O outro com certeza endoideceu! — O outro acabou; silencio profundo. Dostoïevsky espera da parte de Tourguenieffe uma palavra, um sinal... Sem duvida, julga que como nos romances dêle, Tourguenieff vai abraça-lo, beija-lo chorando, fazer as pazes... mas, como nada disso acontece:

— Senhor Tourguenieff, devo confessar-lho: desprezo-me profundamente...

(1) Do *Crime e Castigo*.

Espera de novo. Semprn o silencio. Então Dostoïevsky não pode conter-se e, furioso, acrescenta:

— Mas ainda o desprezo mais, ao senhor, Era tudo o que tinha a dizer-lhe...—e sai, batendo a porta. Decididamente, Tourguenieff já estava demasiado europeu para compreendê-lo».

Esta scena impressionante, que parece arrancada a um dos livros do seu principal protagonista, resume em si toda uma psicologia.

Depois de contar a agitada mocidade de Dostoïevsky e a sua deportação para a Siberia, onde passou dez anos, quatro dos quais como forçado, o sr. André Gide afirma que o grande acontecimento da vida dêle foi contudo um acontecimento de ordem intima: a descoberta do Evangelho. É efectivamente sobre o espirito evangelico que assentam os romances de Dostoïevsky, como aliás toda ou quasi toda a literatura russa, no que tem de mais belo e caracteristico. Mas, se as ideias de Dostoïevsky eram as que o sr. André Gide apresenta como tais, é impossivel concordar com a sua afirmação de que nelas se encontra o puro espirito evangelico, o espirito evangelico liberto das adições e transformações que S. Paulo e a Igreja lhe fizeram sofrer e sem as quais nós difficilmente o reconhecemos.

Ao contrario do que sucede nos romances da literatura occidental—em Dickens, por exemplo, onde a hierarquia dos personagens se baseia na maior ou menor bondade que elles possuem—o plano unico a traçar na obra de Dostoïevsky com o fim de proceder a uma classificação analoga, assevera o sr. André Gide que é o do orgulho. É certo que os orgulhosos serão punidos e os humildes serão exaltados. É exacto que na renuncia a nós mesmos vê Dostoïevsky a solução do problema da vida. Mas, ficam-nos todavia justificadas duvidas sobre a noção que Dostoïevsky possuia de humildade, se *«a sua obra, sempre e toda ela, é atormentada pela ideia de que a humilhação perde, ao passo que a humildade santifica... A humildade abre as portas do paraíso; a humilhação, as do inferno. A humildade comporta uma especie de submissão voluntaria, é livremente aceite e demonstra a verdade das palavras*

do Evangelho: «O que se abaixa, será exaltado». A humilhação, muito pelo contrario, envilece a alma, curva-a, deforma-a, seca-a, irrita-a, macula-a e causa uma especie de lesão moral que difficilmente se cura».

Lê-se, porém, no Evangelho: *«Não resistais ao mau; mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra. E ao que quizer demandar-te em juizo e tirar-te a tua tunica, larga-lhe também a capa. E aquêlê que te obrigar a ir mil passos, vai com êle ainda outros dois mil».* A diferença afigura-se-me bastante sensível. No Evangelho, a humilhação é uma fonte de santidade. Nem se comprehende, aliás, o que seja a humildade dos que ninguém humilha. A paciencia não custa muito a quem faz sempre a sua vontade e ha sem duvida virtudes mais apreciaveis que a castidade do eunuco.

Creio que o sr. André Gide, neste ponto, desvirtuou um pouco as ideias de Dostoïevsky que, ao descrever a humilhação como a grande origem do mal e da iniquidade, talvez apenas quizesse conformar a sua arte com a vida tal como ella se lhe apresentava, e ao mesmo tempo mostrar os seus ruinosos efeitos na alma do humilhado. Quem se sente ferido, compraz-se naturalmente em fazer soffrer os outros. O certo é que as ideias de Dostoïevsky são extremamente confusas e que é difficilimo distingui-las daquellas que a arte o obrigava a pôr na bôca dos seus personagens. Mas, não negarei que o seu cristianismo se afasta sensivelmente do nosso.

A anedocta que transcrevi ao principiar, e que sob este ponto de vista é elucidativa, revela também uma estranha semelhança de psicologia entre Dostoïevsky e J. J. Rousseau. Jean-Jacques, conta mil aventuras de que a sua dignidade não saiu intacta e teima em considerar-se o melhor dos homens. Eu não quero dizer com isto que o julgo dos piores; mas, uma certa modestia, que era indispensavel, falta-lhe em demasia). Dostoïevsky, por seu lado, quasi espera felicitações porque confessou, voluntariamente e em circumstancias penosas, um acto dos mais graves. Se a attitude de Tourguenieff não foi caridosa em excesso, Dostoïevsky era, contudo, indubitavelmente, a ultima pessoa com direito a fazer-lho sentir.

Para terminar: parece-me que a inconsistente compreensão que do Cristianismo o romancista russo nos mostra, na sua vida e na sua obra, deriva provavelmente da tendência para encarar no Evangelho apenas o lado sentimental. «*A vida substituiu-se nêle ao raciocínio, já não tinha senão sensações*». Tal era aos olhos de Dostoïevsky, assegura o sr. André Gide, o estado cristão por excelência. O Cristianismo corre assim o perigo de assumir um modo de ser exclusivamente exterior, de se reduzir a uma doutrina unicamente applicavel ás nossas relações com os outros, o que o privará do ponto de apoio indispensavel que só na formação interior pode existir. Toda a construção sentimental é instavel e indefinida por natureza. Os nossos sentimentos actuais teem a sua origem em ideias que nos foram inculcadas, a nós ou aos nossos antepassados, e apenas a ideia pode manter nêles a ordem necessária e a hierarquia indispensavel á vida. Mas talvez seja justamente esse Cristianismo desossado, perdoe-se-me a expressão, que o sr. André Gide considera o puro Cristianismo do Evangelho.

Não julgo a mística de Dostoïevsky, nem mesmo a chamada *religião do sofrimento*, a parte mais valiosa da sua obra. O que seduziu tanta gente no fim do seculo passado, deixa-me indifferente; confesso, aliás, que nada me inspira um tédio tão absoluto e uma aversão tão decidida como a maior parte dos escritores filosofos que mais apreciados foram por esse tempo: Tolstoï (não falando, é claro, do romancista), Nietzsche, Ibsen, Carlyle. Trocava-os a todos por cem paginas do «*Candide*», de La Bruyère, de de qualquer dos grandes moralistas e romancistas da escola francesa, onde as palavras são menos bombasticas, os periodos menos solenes, as pretensões mais modestas, a analyse mais subtil e a arte bem mais profunda. A obscuridade, o misterio podem ter encantos; não falarei dêles porque os não sinto. Amo apenas a claridade, e a propria sombra, quero-a translucida e suave como uma luz mais difusa.

A corrente vital que liga o artista ás suas creações, parece em Dostoïevsky mais intensa do que em nenhum outro. É bem conhecido que Flaubert afirmava ter sentido

na bôca o gosto do arsenico quando descrevera o suicidio de Bovary. Imagina-se quanto Dostoïevsky viveu com os personagens dos seus romances. A sua sensibilidade exacerbada por uma vida acidentada e de bruscas peripecias, doentia—todos sabem que era um epileptico e que a epilepsia desempenha um papel importantissimo na sua obra, onde o *Idiota*, por exemplo, uma das figuras que melhor revelam o pensamento dêle, é epileptico e á epilepsia deve talvez as suas grandes qualidades—concentrada sobre si mesmo, reagia por certo com facilidade extrema.

E é justamente nisto que Dostoïevsky excede os romancistas ocidentais. Estranha teoria a da impassibilidade na arte! Enquanto o homem fôr homem amará a paixão, e a paixão é contagiosa. Assim crearam os romanticos a sua imensa voga, Rousseau em primeiro logar, «o *homem sensível*» que impregnou da sua *verve* caustica e da sua romanesca ternura as paginas da prosa que não teve rival.

Mas Dostoïevsky era ao mesmo tempo o mais poderoso dos evocadores. Quem esquecerá jamais os personagens do *Crime e castigo*, do *Idiota*, dos *Irmãos Karamazoff*, de tantas outras obras primas? Ninguem mais proximo da natureza do que esse russo barbaro que nos conta historias terriveis, onde o assassinato aparece como um *leit-motiv*. Os seus homens, as suas mulheres, até as suas creanças, possuem a violencia passional, quasi instinctiva, dos sêres primitivos. Procuraram educa-los, mas o temperamento é mais forte e a cada passo subjuga tudo. E quando lhes ensinaram certas doutrinas, que exigem a plena posse de si, o sentimento da medida, a audacia prudente, que tragica farca o destino dêles! Este, leu que os homens extraordinarios não estão sujeitos ás leis da moral comum; decidiu ser um Napoleão e para se provar a sua força assassina uma pobre velhota usuraria. Triste Napoleão! não descansa enquanto não confessa o seu crime. Um outro deliberou tornar-se um Rothschild e «em todos os livros de Dostoïevsky não ha creatura mais debil, mais á mercê de todos e de cada qual».

Quem abre pela primeira vez um romance russo, dos genuinos—um Dostoïevsky, em particular—tem a impressão de entrar num mundo de doentes do sistema nervoso. A

educação que modera os instintos, os coordena, obriga á reflexão antes do acto, não existe em toda essa gente. Do pensamento á acção vai apenas o tempo necessario para a executar. E que pasmosa mobilidade de sentimento! Como as lagrimas se misturam ao riso, como, em poucos momentos, se passa da colera á ternura, do sarcasmo brutal á meiguice infantil, da condescendencia amavel á revolta declarada! Quando se lembram de raciocinar, o seu pobre cerebro embarça-se numa rede de ideias confusas, contraditorias; mais indecisos do que Hamlet, o pensamento atormenta-os como um pesadelo vivido.

A psicologia do romance russo é, por assim dizer, uma psicologia ao microscopio. O que no homem civilisado é um impulso logo abafado, um esboço de desejo que se perde antes de aflorar, o romancista arrama-o da sombra, aumenta-o, revela-o em toda a sua nudez, ora hedionda, ora humana, raras vezes sublime, e com êle tece a trama da sua historia. Talvez se espere portanto qualquer coisa de clarissimo, á Stendhral, transparente e feroz; engano! A vida mental é confusa e por si um caos, onde só a razão põe ordem. A alma dos personagens do Dostoïevsky é semelhante a essas cordilheiras submarinas, que aqui e alem, furam as aguas do Oceano e se elevam em ilhas que o sol ilumina. A massa que as suporta esconde-se para sempre no vasto seio do mar e sondagem alguma pode revelar por completo o seu contorno.

Numa formula feliz, o sr. André Gide define a obra do Dostoïevsky como «*o produto de uma fecundação do facto pela ideia*». Tomemos por exemplo os *Irmãos Karamazoff*. «*A questão principal que tratarei em todas as partes deste livro, é aquella mesma que me tem feito sofrer, consciente ou inconscientemente, toda a vida: a existencia de Deus!*» Dostoïevsky só o escreven doze anos depois de ter concebido a ideia fundamental: foi necessario primeiro que uma causa celebre lhe fornecesse o facto em que essa ideia devia encarnar. Os seus romances não são propriamente romances de tese, nem romances de ideias. Como todo o romancista nato, Dostoïevsky gostava de contar historias. Mas, das historias que contava, Dostoïevsky extraía toda a significação superior que uma anedocta

pode conter. Sabia, como diz o proverbio, que cada pessoa é um mundo, e das mais mais humildes arrancava a materia mais preciosa. A sua obra, um pouco monoptona, onde os personagens se repetem e teem frequentemente certo ar de familia que os aproxima, talvez não encontre igual na intensidade da vida, na profunda humanidade do drama doloroso que ela representa. Ainda que lhe faltassem os prestigios da arte—e não faltam, por certo—sobreviveria pela força da emoção.

Luis Vieira de Compos.

Teatros

Uma crise grave que é preciso remover

Ha quem tenha o mau sestro de deprimir tudo quanto e nosso para exaltar tudo quanto é alheio. Acontece tambem o contrario: ha quem torça o nariz ao que vem de fóra, seja o que fôr, para se curvar incondicionalmente diante do que existe cá dentro, por se entender que o patriotismo verdadeiro obriga a tal. Verifica-se o que dizemos em materia de teatro. *In medio consistit virtus* e por isso cumpre render justiça a quem a merece. Nem tudo — referimo-nos a companhias dramaticas — que nos visita, de vez em quando, é bom; como nem tudo o que possuímos se pode dizer que pertença á categoria do mau. Costuma-se, porém, desdenhar, em regra, dos conjuntos que acompanham as grandes figuras scenicas estrangeiras em excursão. Esquecem-se, os que desdenham, de uma circumstancia a ponderar: por muito talentosos e brilhantes que sejam os artistas que acompanham comediantes celebres, mantem-se sempre uma distancia respeitavel entre estes e aqueles, e de que, injustamente, se procura concluir a escassez de merito dos primeiros. Ora a verdade é que temos visto ao lado de Ermette Zacconi afirmações